

REFLEXÕES ACERCA DO USO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO ENSINO EM ESCOLAS NO CAMPO

REFLECTIONS ON THE USE OF COMICS IN TEACHING IN RURAL SCHOOLS

Francinete França de Melo Silva¹, Nilvania dos Santos Silva²

¹ Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, Brasil
<https://orcid.org/0009-0001-1531-514X>
ffms@academico.ufpb.br

² Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-0611-8336>
nilvania.silva@academico.ufpb.br

Recebido em 29 set. 2024

Aceito em 25 nov. 2024

Resumo: O respectivo artigo é parte dos resultados de uma pesquisa que focalizou o uso do gênero textual Histórias em Quadrinhos (HQs) nas escolas rurais. Tem como ponto de partida a questão: como as professoras utilizam o gênero textual HQs na prática didático-pedagógica como instrumento de apropriação e de intervenção no mundo camponês? É parte de uma investigação mais ampla, de mestrado, que contemplou, entre outros objetivos, a análise do potencial didático-pedagógico que tal gênero pode proporcionar. Esta pesquisa é de natureza qualitativa. Para tal investigação fundamentou-se na Base Nacional Comum Curricular (2018) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997). Envolveu descrição e análise, em particular, de registros de atividades de ensino. Para tanto, partiu-se de relato de professoras, de escolas do mundo rural de São Sebastião de Lagoa de Roça – PB, acerca do uso das HQs nos anos iniciais do ensino fundamental. Pressupomos que as HQs, por apresentarem características específicas com linguagem verbal e não verbal, podem ajudar na contextualização do mundo no campo. Para a formação de leitores críticos e participativos, bem como favorecer a construção e apropriação dos saberes pelos sujeitos do mundo camponês, o uso das HQs na prática didático-pedagógica auxilia, potencialmente, no desenvolvimento das habilidades de leitura, compreensão textual, escrita e criatividade, de forma a colaborar no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Leitura. Histórias em Quadrinhos. Escola no Campo.

Abstract: The respective essay is part of the results of research that focused on the use of the textual genre in rural schools. Its starting point is the question: how do teachers use the textual genre comics in didactic-pedagogical practice as an instrument of appropriation and intervention in the peasant world? It is part of a broader master's research, which contemplated, among other objectives, the analysis of the didactic-pedagogical potential that this genre can provide. This research is qualitative in nature. For this investigation, it was based on the National Common Curricular Base (2018) and the National Curricular Parameters (1997). It involved description and analysis of records of teaching activities. To do so, it was based on reports of teachers from rural schools in São Sebastião de Lagoa de Roça – PB, about the use of comics in the early years of elementary school. We assume that comics, because they have specific characteristics with verbal and non-verbal language, can help contextualize the world in the field. For the formation of critical and participatory readers, as well as favoring the construction and appropriation of knowledge by the subjects of the peasant world, the use of comics in didactic-pedagogical practice potentially helps in the development of reading, textual comprehension, writing and creativity skills, to collaborate in the teaching-learning process.

Keywords: Reading. Comics. School in the Countryside.

A educação é a ferramenta mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo.

Nelson Mandela

INTRODUÇÃO

Vivemos numa sociedade em que, para tudo que é produzido, há uma utilidade social. Exemplo disso são as Histórias em Quadrinhos, uma forma de produção e fabricação de leituras de mundo, o que contribui para construções de concepções essenciais para um ensino contextualizado.

No processo de busca de informações essenciais para interpretar esse mundo, as Histórias em Quadrinhos, doravante HQs, a partir do momento em que possibilitem uma estrutura textual atrativa para os estudantes, podem possibilitar uma leitura crítica (Mendonça, 2010).

Potencialmente, o uso dos quadrinhos nas práticas de ensino pode favorecer o levantamento de questionamentos e aguçar a criticidade dos estudantes, inclusive, no que tange aos problemas sociais e ambientais em que esses sujeitos estão inseridos. Daí o gênero textual em questão pode fortalecer e ampliar o processo de interação entre os discentes e/ou docente, colaborando com o enriquecer da aula, o que, por sua vez, potencialmente ajuda a favorecer um processo de leitura mais rico, significativo para os estudantes. Para Kleiman (2008), é uma ligação entre leitor, texto e autor, que, por sua vez, acontece quando existe um domínio de compreensão do que se está lendo.

Tem-se como intuito auxiliar na mediação de um processo voltado para a formação de um leitor ativo o qual, potencialmente, possa transformar o mundo em que vive, respeitando as singularidades dos sujeitos e a diversidade cultural. Para tanto, procura-se repassar informações ligadas à importância das HQs, por parte do professor de uma escola do mundo rural.

Enquanto autoras desse artigo, aspectos ligados ao mundo rural, como os que incluem a agricultura, a pecuária entre outros, estão no histórico de nossas famílias; temos entre nossos pais, avós, avôs e demais familiares agricultores, por exemplo. Por isso, essa vontade de também trazê-lo para esta pesquisa e dizer o quanto a Educação do Campo é importante para aqueles que viveram e vivem no mundo campesino.

Uma discussão importante na educação das escolas do mundo rural é acerca das diferenças e semelhanças que existem entre a Educação do Campo e a Educação Rural. Ambas têm o mesmo objetivo, garantir educação de qualidade para as nossas crianças. Entretanto, cada educação acompanha suas particularidades e o ensino requer que se entenda um pouco mais de cada uma.

A Educação do Campo nasceu junto com os movimentos sociais, entrelaçada com a luta dos camponeses por uma educação no, para e do mundo rural do qual são parte, rico em sua diversidade. O objetivo é proporcionar a educação escolar para o povo do campo e no campo, que também busca a valorização das suas origens e do espaço no qual a comunidade está inserida. Dessa forma, Santos e Neves (2012) refletem a Educação do Campo como:

A Educação do Campo propõe uma escola no e do campo, feita pelos sujeitos que nela vivem e trabalham. Esse reconhecimento extrapola a noção de espaço geográfico e compreende as necessidades culturais, os direitos sociais e a formação integral desses sujeitos. No entanto, para garantir o direito de todos os cidadãos, a escola precisa estar onde os indivíduos estão. Por isso, a escola tem que ser construída e organizada no campo. O fato de estar no campo também interfere a produção dos conhecimentos, porque não será uma escola descolada da realidade dos sujeitos. Construir Educação do Campo significa também construir uma escola do campo, significa estudar para viver no campo, buscar desconstruir a lógica de que se estuda para sair do campo (BRASIL, 2003 *apud* Santos, 2012, p.3).

Nesse sentido, a Educação do Campo proporciona ao sujeito autonomia e protagonismo, também proporciona novas visões de mundo perante sua própria realidade, além da emancipação enquanto cidadão, ela contribui para o seu melhor desenvolvimento. Independente da finalidade pela qual se busca a educação, os estudos abrem novas portas em qualquer área e proporcionam uma melhor qualidade de vida, seja para o sujeito do campo ou da zona urbana.

A Educação Rural, por sua vez, “vem sendo construída por diferentes instituições a partir dos princípios do paradigma do capitalismo agrário, em que os camponeses não são protagonistas do processo, mas subalternos aos interesses do capital” (Fernandes, 2006, p. 37). Dessa forma, é possível compreender as diferenças que acompanham a discussão em questão. A Educação Rural beneficia o capitalismo e não o desenvolvimento do campo em prol de melhorias para a qualidade de vida dos camponeses.

Diante do exposto, notamos que os docentes buscam adequar suas práticas à realidade e às suas possibilidades. E, nessa perspectiva, Gauthier (2001, p.65) nos diz que:

a sala de aula é uma “microsociedade onde cada um ajusta as suas crenças e os seus comportamentos em função do outro [...] e os alunos não somente aprendem uns com os outros, mas sua relação com o saber será em parte determinada pela dinâmica da classe” (Gauthier, 2001. p. 65).

Por isso, consideramos de fundamental importância abordar este gênero textual na educação das escolas de localidades rurais, em especial, em São Sebastião de Lagoa de Roça - PB, almejando que as HQs proporcionem aos estudantes e aos professores oportunidades de refletir sobre si e sobre o mundo que os constitui.

Também vale ressaltar que este artigo é parte do estudo realizado durante um mestrado, vinculado a um Programa de Pós-Graduação em Educação de uma universidade localizada no Nordeste, o qual teve entre os desafios identificar e analisar informações de algumas experiências em que professoras da educação básica fizeram uso das HQs em sala de aula, como ferramentas que pudessem auxiliar e beneficiar a qualidade do trabalho em sala de aula em escolas no campo.

Silva (2018, p. 165) acrescenta que este gênero é um material que “ajuda a desenvolver no aprendiz habilidades como autonomia na leitura e raciocínio lógico”. Freire (1997) destaca que a leitura é um requisito necessário e essencial para as pessoas com vistas a dar conta das exigências do mundo que as cerca. O exercício da cidadania requer a capacidade de leitura, visto que a competência de atribuir sentido ao texto escrito possibilita ao sujeito posicionar-se com criticidade diante do seu entorno social.

ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

A educação é parte de uma teia necessária para atender a demanda própria do sujeito que pertence ao rural, o que não implica em oferta de serviços de qualidade inferior. Todavia, não é fácil proporcionar subsídios para que os direitos defendidos por lei sejam respeitados. A própria legislação exige e aponta mudanças nos serviços educacionais que podem auxiliar neste processo, como a da adoção de uma Proposta

de Educação do Campo. Para tanto, precisamos considerar o exposto no artigo 28 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) (Brasil, 1996), a qual enfatiza o dever público, mediante os sistemas de ensino, em promover condições para o desenvolvimento sustentável e o acesso aos bens econômicos e sociais, porém de forma contextualizada.

O que, por sua vez, ainda considerando a LDB (Brasil, 1996), perpassa por exigências que requer adaptações próprias para com as peculiaridades da vida rural e de cada região. Inclui-se nestas adequações, por exemplo, mudanças junto à estruturação curricular, aos serviços educacionais e, também, perpassando a didática, a organização da instituição escolar, inclusive no que diz respeito às adequações do calendário escolar. É essencial uma luta por uma educação que se volte para um educar, considerando a natureza do trabalho da comunidade da qual os alunos são parte, respeitadas as singularidades dos sujeitos e a diversidade de contextos de que seus sujeitos são parte (Brasil, 1996; Brasil, 2002).

Quando analisamos estudos acerca da realidade educacional brasileira (Richardson; Rodrigues, 1984; Malassis, 1979; Brasil, 2007; Silva; Silva, 2013), ainda nos deparamos com uma realidade escolar precária tanto no que se refere, a título de exemplo, às estruturas físicas, ao material (permanente e de uso cotidiano), e às salas, multisseriadas e/ou com distorção idade/série, como também, quanto à formação inicial e continuada dos docentes a qual deveria possibilitar as habilidades necessárias para ofertar um ensino contextualizado, pautado na adequação curricular e do calendário escolar, intimamente ligado ao conhecimento das políticas adotadas para a Educação do Campo. Daí adotarmos o posicionamento defendido por Caldart *et al* (2012) ao definir a Educação do Campo que:

- [requer] luta social pelo acesso dos trabalhadores do campo à educação (e não a qualquer educação) feita por eles mesmos e não apenas em seu nome. A Educação do Campo não é *para* nem apenas *com*, mas sim, *dos camponeses*, expressão legítima de uma pedagogia *do* oprimido.
- Assume a dimensão de pressão coletiva por políticas públicas mais abrangentes ou mesmo de embate entre diferentes lógicas de formulação e de implementação da política educacional brasileira. Faz isso sem deixar de ser luta pelo acesso à educação em cada local ou situação particular dos grupos sociais que a compõem, materialidade que permite a consciência coletiva do direito e a compreensão das razões sociais que o impedem.
- Combina luta pela educação com luta pela terra, pela Reforma Agrária, pelo direito ao trabalho, à cultura, à soberania alimentar, ao território. Por isso, sua relação de origem com os movimentos sociais de trabalhadores. Na lógica de seus sujeitos e suas relações, uma política de Educação

do Campo nunca será somente de educação em si mesma e nem de educação escolar, embora se organize em torno dela (Caldart *et al*, 2012, 263-264).

A abordagem da pesquisa foi de natureza qualitativa, por envolver mecanismos que viabilizam intervenção na construção de saberes em determinado ambiente, possibilitando transformações culturais. Por meio desta, queremos compartilhar um pouco sobre a realidade das escolas do campo de São Sebastião de Lagoa de Roça – PB, local em que está lotada como professora efetiva uma das autoras deste artigo.

Como *lócus* da pesquisa, tem-se o município de São Sebastião de Lagoa de Roça - PB, que, no próprio nome (Lagoa de Roça), carrega a significação do mundo campesino, há predomínio da agricultura no cultivo de milho, batata-doce e outros como economia principal. Conforme os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), há aproximadamente 11.040 habitantes que residem neste município. A altitude é de 641m acima do nível do mar.

A escolha do *lócus* desta pesquisa deu-se por conveniência, que, para Gil (2008, p. 94), é a forma que “o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo”. Conforme a Secretaria de Educação de São Sebastião de Lagoa de Roça - PB, são catorze escolas situadas no campo, com quinhentos e setenta e três estudantes matriculados e três escolas municipais na área urbana, com novecentos e cinquenta e um estudantes registrados.

É importante salientar que, antes da coleta de dados, o projeto de pesquisa de campo foi submetido e aprovado junto ao Comitê de Ética em Pesquisa, de um Centro da universidade em que a pesquisa está atrelada. Para preservar a identidade de cada participante, neste artigo, adotaremos nomes fictícios.

Assim, optou-se pela entrevista semiestruturada enquanto recurso facilitador na pesquisa de educação a qual, através do diálogo, oferece a possibilidade para o pesquisador conhecer a realidade dos sujeitos. Desse modo, buscaram-se informações nas falas “dos atores sociais. Ela não significa uma fala despretensiosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos autores (...) que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada (Minayo, 2002, p. 57). Nesse sentido, na entrevista semiestruturada:

As questões, nesse caso, deverão ser formuladas de forma a permitir que o sujeito discorra e verbalize seus pensamentos, tendências e reflexões sobre os temas apresentados. O questionamento é mais profundo e, também, mais subjetivo, levando ambos a um relacionamento recíproco, muitas vezes, de confiabilidade. Frequentemente, elas dizem respeito a uma avaliação de crenças, sentimentos, valores, atitudes, razões e motivos acompanhados de fatos e comportamentos. Exigem que se componha um roteiro de tópicos selecionados. As questões seguem uma formulação flexível, e a sequência e as minúcias ficam por conta do discurso dos sujeitos e da dinâmica que acontece naturalmente (Rosa; Arnoldi, 2008, p. 30-31).

Assim, abordamos parte de resultados obtidos numa investigação de mestrado destinada a analisar as concepções de professoras por meio de entrevistas semiestruturadas com seis profissionais de escolas no campo. Gil (2008, p. 109) acrescenta que a entrevista é “uma forma de interação social (...) em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação”.

Conduzimos as entrevistas semiestruturadas de forma presencial e individual, nas próprias escolas onde as professoras trabalham. Utilizamos o gravador de voz do aparelho celular da pesquisadora, seguindo um roteiro pré-definido para orientar as perguntas durante os questionamentos. O agendamento do dia e horário foi ajustado conforme a disponibilidade de cada professora. Perguntamos, por exemplo, às professoras o que elas entendiam sobre o gênero textual HQs. O período das entrevistas aconteceu entre os meses de novembro e dezembro do ano de 2023, com duas professoras por escola.

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA CONCEPÇÃO DAS PROFESSORAS DE ESCOLAS DO CAMPO

Com relação ao tempo de atuação na docência de cada entrevistada, a docente com maior tempo de sala de aula tem trinta anos de atuação e a com menor tempo de trabalho tem três anos de experiência. Destas entrevistadas nem todas residem na própria localidade onde trabalham (no campo) visto que três moram na cidade. Sendo, cinco delas, mães de família. Duas moram em outro município.

De acordo com uma outra participante, aqui identificada como Aline, a finalidade educativa das HQs é ampla: “Nossa! Tem tantas formas! a gente pode usar para tudo! tanto na questão de eles construírem, se sentirem pertencentes a uma história”

(informação verbal¹). Através do seu relato, tem-se indícios de que aproveita as HQs para chamar mais a atenção tanto dela como de seus estudantes: “Essa construção não só se materializa no visível, no papel, nos textos e nos balões, mas também nas subjetividades dessas crianças ao se “sentirem pertencentes a uma história”. Uma história viva e que fala com muito orgulho: “Agora vocês são personagens” (informação verbal²).

Com relação à definição e à importância de imagens, a entrevistada Bianca declarou que: “as Histórias em Quadrinhos chamam muito a atenção dos estudantes para aprender a ler, aprender a entender o que significam aqueles desenhos, aquelas ilustrações, eles se interessam mais pela leitura” (informação verbal³). Do ponto de vista teórico, este posicionamento dela se atrela a Vergueiro e Ramos (2009) os quais afirmaram que este gênero textual desperta a atenção das crianças, como também facilita a compreensão devido ao acervo dos desenhos contidos nos textos, que são explorados ao longo da leitura e que vêm acompanhados dos diálogos curtos entre os personagens, que são apresentados em quadros sequenciados.

Ser personagem da própria história, protagonista dos escritos e das imagens de sua vida, autor ativo de sua existência no ambiente escolar! Foi isso que as professoras como a Bianca, por exemplo, explicitam a respeito do gênero das HQs, quando diz: “O motivo da gente trabalhar foi (...) despertar a criatividade. O estudante criando vai estar ativo na escola. Eu os deixei fazer as historinhas (...) criando, pensando na fala, no desenho. Isso fez com que ficassem mais ativos a todo momento na produção textual”² (informação verbal).

No depoimento de outra participante, aqui identificada como Dani, “as imagens são marcas positivas para o desenvolvimento desse gosto, desse prazer da descoberta, dessa viagem que a leitura é capaz de fazer na vida do estudante” (informação verbal⁴). Atrelamos este depoimento a Carlos (2015, p. 98), o qual ressalva o quanto este uso deve ser “com intencionalidade pedagógica, mediante planejamento”, o que pode possibilitar um ensino que colabore para que o discente

¹ Entrevista realizada em 09 de novembro de 2023, durante mestrado.

² Entrevista realizada em 14 de novembro de 2023, durante mestrado.

³ Entrevista realizada em 14 de novembro de 2023, durante mestrado.

⁴ Entrevista realizada em 24 de novembro de 2023, durante mestrado.

ultrapasse “a lógica meramente ilustrativa ou do entretenimento e atinja sua proposta, que é fomentar no indivíduo o potencial de reflexão e interpretação sobre as coisas postas no mundo”.

Segundo a professora Dani, “o gênero pode ser trabalhado tanto em forma de leitura e de escrita, como através de dramatizações (...) desenvolvendo a criatividade do estudante para produzir suas próprias tirinhas, o seu próprio gibi” (informação verbal)⁵. Atrelado a esse posicionamento potencialmente o uso das HQs possibilita aos estudantes várias leituras de mundo, de forma autônoma e revolucionária, a partir de imagens, balões, expressões, cores, traços, riscos, borrões, letras, texturas, as suas vivências e “experiências” cotidianas (Larrosa, 2019).

Também é percebido isto na fala de uma outra entrevistada, aqui identificada de forma fictícia como Fane, quando ela expôs o que entende pelas HQs: “No meu ver, as Histórias em Quadrinhos são narrativas com ilustrações e que às vezes apresentam tom humorístico, que muitas vezes aparecem abordando a realidade do leitor” (informação verbal)⁶.

Ressaltamos a importância do uso de HQs focalizar narrativas que contribuam para a formação de cidadania em torno da criticidade, de forma a possibilitar o exercício da habilidade de ler o entorno social, calcado na consciência crítica, ao invés de somente a ingênua. É preciso que as escolas ensinem os estudantes para que possam ler o mundo que os cerca (Freire, 2016).

As práticas didático-pedagógicas usando Histórias em Quadrinhos estão presentes nas ações das professoras entrevistadas que buscam enraizar e engajar os seus estudantes, colaborando em atitudes para transformar a realidade concreta e objetiva do mundo campestre.

Evidenciamos também outro aspecto importante enfatizado pelas participantes da pesquisa ligado ao foco através das HQs poder construir/adotar valores, princípios e regras que priorizem o coletivismo, por exemplo, essencial para que a instituição família seja parte de uma coletividade maior, que permeia os vários campos. Atentando, assim, em especial para a convivência humana no mundo rural e nas

⁵ Entrevista realizada em 24 de novembro de 2023, durante mestrado.

⁶ Entrevista realizada em 09 de dezembro de 2023, durante mestrado.

manifestações culturais do contexto e da realidade, na qual o educando está inserido. Dani, por exemplo, ressalta isto quando esta afirma que as HQs ajudam a trabalhar a realidade de cada discente, como “da casa, no sítio do avô, de alguém do convívio, então isso motiva na criança a querer produzir (...). Com as HQs dá para a criança formar um texto enorme! Eles vão fazendo e interpretando da maneira em que eles estão vendo” (informação verbal⁷). Para ela os estudantes usam estratégias para realizar a leitura, e as Histórias em Quadrinhos, por apresentarem vários mecanismos, como já mencionamos (imagem, onomatopeia etc.), ajudam o estudante a pensar e formular maneiras de compreender o mundo por meio do raciocínio lógico.

Também é significativo fazermos menção à como as emoções e afetividades permearam as entrevistas. Por exemplo, quando a professora Dani relatou a respeito da sua vivência enquanto Ser do Rural, durante a infância dela, e como isso se perpetuou na sua formação, para atuar em escolas do/no campo. Ela mencionava a expressão “escola do/no campo” com tanta estima que dava para sentir o quanto os estudos de Caldart (2004) influenciaram e fortaleceram as opiniões desta profissional.

Tem-se, na linguagem corporal e oral das participantes, a emoção sendo essencial no processo de ensino. Por exemplo, no caso da professora Dani, ao apresentar lembranças afetuosas da sua trajetória de vida pessoal, acadêmica e profissional, sobretudo, no que se refere ao mundo da leitura, que também relata sobre os primeiros contatos com as Histórias em Quadrinhos, quando criança. “As Histórias em Quadrinhos fizeram parte da minha infância e da infância de muitas crianças, nós tínhamos acesso a esse gênero através dos antigos gibis” (informação verbal)⁸.

Do ponto de vista da epistemologia do conhecimento e da linguagem, também encontramos, como na fala de Bianca, indícios de posicionamentos que envolvem o sócio construtivismo, quando esta afirma: “eu deixei que eles criassem Histórias em Quadrinhos e fui mediando só na questão de escrita, de como escrever nos balões, (...), e cada balão tem seu significado. Mas eles colocaram fala deles, do dia a dia com amigos, colegas e irmãos” (informação verbal)⁹.

⁷ Entrevista realizada em 24 de novembro de 2023, durante mestrado.

⁸ Entrevista realizada em 24 de novembro de 2023, durante mestrado.

⁹ Entrevista realizada em 14 de novembro de 2023, durante mestrado

Solé (2014) destaca a relevância do professor usar estratégias de leitura para contribuir no processo de desenvolvimento cognitivo do estudante e favorecer ao leitor melhor interação com o texto. Nesse viés, se a criança é motivada a ler, certamente a possibilidade de aprender é maior, porque através da leitura consegue adentrar nas informações presentes no texto durante o manuseio do gênero textual. Como vimos no depoimento de Elza uma das professoras entrevistadas:

O que eu tenho a dizer, é que realmente funciona, é interessante, vale a pena trabalhar com HQs porque, se as crianças gostam, a gente tem que buscar mais, quando a criança se interessa por aquilo, e a gente busca, vemos o desenvolvimento. [...] A gente, enquanto professores temos que procurar buscar o interesse da criança, se você tem uma criança que não para, devemos procurar uma forma que chame a atenção dela, algo que ela goste fazendo adaptação com o que vai ser trabalhado (informação verbal¹⁰).

Segundo Solé (2014), a atitude do professor em selecionar estratégias de leitura faz com que o leitor também seja capaz de articular meios para lidar com o texto, como defender ideias, descartar ou aceitar posicionamentos e captar sentidos. Nessa perspectiva, é por meio da estratégia de leitura que se encontra a forma de despertar na criança o gosto pelo ato de ler.

Conforme Pesavento (2007, p. 10), “as sensibilidades são uma forma de apreensão e de conhecimento do mundo para além do conhecimento científico, que não brota do racional ou das construções mentais mais elaboradas”. Enfim, há inúmeras emoções manifestadas em seus pensamentos e externadas em suas falas.

É neste sentido que as Histórias em Quadrinhos são percebidas como forma de ajudar os estudantes de escolas no campo a aguçar memórias, sentimentos e outras percepções. Para Candau (2019, p. 9; 15), é “uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo, (...), a memória nos dará esta ilusão: o que passou não está definitivamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças à lembrança”.

As concepções das professoras entrevistadas da nossa pesquisa são demarcadas por suas memórias, que constituíram suas identidades. Momento em que, através do resgate de lembrança, por parte das entrevistadas, foi possível

¹⁰ Entrevista realizada em 28 de novembro de 2023, durante mestrado.

observar alguns dados significativos. “Para conservar a lembrança e, de maneira mais ampla, para pensar, é necessário memorizar um mundo previamente ordenado” (Candau, 2019, p. 83).

Esse mundo previamente ordenado (Candau, 2019) “Fane”, ao dizer que “no meu ver, as Histórias em Quadrinhos são narrativas com ilustrações e que, às vezes, apresentam tom humorístico” (informação verbal). Conforme Ramos (2017), no caso das HQs, as ilustrações reforçam a interpretação do sentido do texto. O humor, portanto, presente nos quadros, que além de trazer informações e envolver crítica social, também educa por meio do que é retratado de forma engraçada.

Fane relatou, também, que as Histórias em Quadrinhos “podem levar situações da própria realidade dos estudantes e criar diálogo em quadrinhos baseado na maneira de viver, tornando um trabalho de forma lúdica e divertida. Além disso, despertar a imaginação e o faz de conta” (informação verbal)⁵, para construir e intervir nos/os múltiplos mundos do/no campo.

As concepções das seis professoras entrevistadas no ano de 2023 sobre as Histórias em Quadrinhos direcionam para a importância do despertar e criar nos estudantes a atenção para a aprendizagem, alinhadas e conectadas com o contexto educacional atual, no que se refere aos modos de fazer a prática docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, as falas das professoras entrevistadas nos oportunizam refletir a respeito de suas concepções sobre este gênero textual, em questão, e quais os seus usos e contribuições para a formação leitora e cognitiva dos estudantes. Um tipo de texto que, ao mesmo tempo que diverte ludicamente, desperta a imaginação para criar e se apropriar de mundos.

Ressaltamos a importância das Histórias em Quadrinhos no processo educativo e a necessidade de materiais didáticos direcionados à realidade das escolas no campo. Ouvir as seis professoras entrevistadas desta pesquisa foi uma experiência incrível e bastante relevante para a nossa formação, enquanto pesquisadoras. Cada depoimento foi essencial para buscarmos mais informações e, a partir da análise delas, construir conhecimentos essenciais para o uso das Histórias em Quadrinhos

na prática didático-pedagógica de modo a favorecer uma educação que atenda as peculiaridades do seu público, como a do caso dos sujeitos de um mundo rural.

Com base nos objetivos deste trabalho, foi possível constatar, através da investigação, que as HQs podem, potencialmente, favorecer a maneira como cada professor(a) faz uso dos gêneros textuais, como recurso didático que auxilia no momento de mediar o conhecimento, tendo em vista a promoção da interação entre professor, estudante e texto, incrementando a contextualização dos conteúdos.

Para concluirmos as reflexões a partir desta pesquisa, lembramos a importância deste tipo de estudo para a identificação de algumas das dificuldades que, muitas vezes, impedem as instituições de ensino situadas no campo de operacionalizar o que é proposto por um Projeto ou Programa atrelado a uma política pública. Sendo necessário, enquanto membros de uma instituição de ensino superior, contribuir na melhoria da qualidade dos serviços voltados para a operacionalização do proposto nos respectivos programas ou projetos. Nosso desafio é então continuar nossas ações, mediante pesquisa e extensão, para que possamos auxiliar as escolas no desenvolvimento de ações desta natureza, as quais subsidiem a melhoria dos serviços educacionais oferecidos nas escolas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Casa Civil; Subchefia para Assuntos Jurídicos, 20 dez. 1996. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em: 01 dez. 2024

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF: MEC; SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo.** Brasília, DF: CNE; MEC, Brasília, 2002. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1380_0-rceb001-02-pdf&category_slug=agosto-2013-pdf&Itemid=30192 Acesso em 15 nov. 2024

BRASIL. **Gênero e diversidade sexual na escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos.** Brasília, DF: SECAD, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular - BNCC**. Brasília, DF: MEC; SEB, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 26 maio 2023.

CALDART, R. S. Elementos para construção do projeto político e pedagógico da Educação do Campo. **Trabalho Necessário**, [s. l.], ano 2, n. 2, Rio de Janeiro, p. 1-16, 2004. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/3644/3444>. Acesso em: 02 fev. 2023.

CALDART, R. S. *et al* (org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CANDAU, J. **Memória e Identidade**. (raducción Eduardo Rinesi) 1. ed. 5. reimp. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

CARLOS, E. J. (org.). **Educação e cultura visual**: aprendizagens, discursos e memórias. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Os campos da pesquisa em educação do campo: espaço e território como categorias essenciais. In: MOLINA, Mônica Castagna. (org.) **A pesquisa em Educação do Campo: questões para reflexão**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 5. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1997.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 26 ed. São Paulo: Olho d'água, 2016. <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Paulo-Freire-Professora-sim-tia-n%C3%A3o-Cartas-a-quem-ousa-ensinar.pdf>
Acesso em 20 nov. 2024

GAUTHIER, C. Triângulo didático-pedagógico: o triângulo que pode ser visto como quadrado. **Revista Educação nas Ciências**, Universitário, jan.-jul. 2001.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. **Censo Brasileiro de 2022**. [S. l.]: IBGE, 2022. Disponível em: https://basedosdados.org/dataset/08a1546e-251f-4546-9fe0-b1e6ab2b203d?raw_data_source=398bc66b-babd-40ba-935a-6fb6ea6453ba. Acesso em: 27 mai. 2023.

KLEIMAN, A. B. **Texto e Leitor**: aspectos cognitivos da leitura. São Paulo: Pontes, 2008.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiências. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1. ed. 4. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MALASSIS, L. Educação e desenvolvimento rural. In: SZMRECSÁNYI, T.; QUEDA, O. **Vida rural e mudança social**. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

MENDONÇA, M. R. S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONISIO, A. P.; Machado, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 209-224.

Disponível em:

<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=4601504&forceview=1> Acesso em 06 mar. 2024

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002.

PESAVENTO, S. J. **Sensibilidades na História**: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

RAMOS, P. **Tiras no Ensino**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

RICHARDSON, R. J.; RODRIGUES, M. M. Educação e mão-de-obra rural. In: RODRIGUES, R. J.; WANDERLEY, J. C. V. **Educação rural e desenvolvimento**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 1984.

ROSA, M. V. de F. P. do C.; ARNOLDI, M. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa**: Mecanismos para a validação dos resultados. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SANTOS, E. O. dos; NEVES, M. L. C. Educação do Campo e desenvolvimento territorial: reflexões e proposições. **Revista Eletrônica de Culturas e Educação Entrelaçando**, Caderno Temático IV, ano 3, v. 1, n. 6, p.1-10, set./dez. 2012. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/1-educao-do-campo-e-desenvolvimento-territorial-santos-e-neves/43079796> Acesso em 14/11/24

SILVA, M. G. G. da. **A produção de Histórias em Quadrinhos na Escola Municipal de Ensino Fundamental Euflaúzia Rodrigues em Boqueirão PB**. 2018. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Profissional em Formação de Professores) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2018. Disponível em: <https://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/3382> Acesso em 06/07/2024

SILVA, N. dos S.; SILVA, A. C. A. da. Da escola *no* para a *do* campo no Brejo Paraibano, formação de profissionais e qualidade dos serviços: o que podemos fazer? **Revista Lugares de Educação [RLE]**, Bananeiras, ed. esp., v. 3, n. 7, p. 23-37, dez. 2013. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rle> Acesso em: 20/10/2024

SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. (org.). **Quadrinhos na Educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

Sobre as autoras

Francinete França de Melo Silva

Mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) do Centro de Educação (CE) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduação em Pedagogia pela UFPB e em Letras Língua Inglesa pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Professora da Rede Municipal de Ensino de São Sebastião de Lagoa de Roça, na Paraíba (PB). Atuou como colaboradora do Projeto de Extensão intitulado “Uso de jogos em turmas multisseriadas: ações extensivas voltadas para colaborar com a formação moral do Sujeito do Mundo Rural” (Programas de Bolsa de Extensão da Pró-Reitoria de Extensão da UFPB), coordenado pela docente Nilvania dos Santos Silva.

Nilvania dos Santos Silva

Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestrado em Psicologia Social, Programa de Pós-Graduação do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes (CCHLA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduação em Psicologia pela UFPB. Professora Associada do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba. Credenciada, colaboradora, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFPB.